

## A rede da dança: um estudo sobre colaboração como tecnologia

Paula Gorini Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** A pesquisa da Rede da Dança é uma proposta de abordagem em rede, do ponto de vista da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, para o fenômeno da dança contemporânea. Inicialmente a proposta era investigar a dança que acontece na internet, consequência do impacto da tecnologia online na produção artística de dança. A pesquisa se expandiu e se reposicionou em uma “rede de relações” que acontece nos diversos procedimentos em que a prática de dança se implica. A abordagem em rede propõe pensar a colaboração como tecnologia impulsora dessas conexões e, para isso, foi feito um exercício de descrição etnográfica no relato sobre a Wikidança, uma plataforma virtual que serve como imagem para rede da dança.

**Palavras-Chave:** Teoria Ator-Rede; dança contemporânea; colaboração.

**Abstract:** the research of the Dance Network is a proposal of network approach for the phenomenon of contemporary dance, from the perspective of Bruno Latour’s “Actor-Network Theory”. At the beginning, the goal was to think a dance that happens in the context of the Internet, reflecting the impact of online technology in artistic dance production. The research has expanded and repositioned into a “network of relationships” that is present in the various procedures in which dance is involved. The network approach for dance proposes to think collaboration as a technology that “moves” these connections, therefore we tried to describe this connections by the image of an online platform, Wikidanca.

**Keywords:** Actor-Network Theory; contemporary dance; collaboration.

Artigo recebido em: 15/04/2015

Aceito em: 01/07/2015

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação Social (UERJ); Especialização em Jornalismo Cultural (UERJ); Graduação em Comunicação - Jornalismo (Faculdades Integradas Helio Alonso); Bailarina profissional em dança contemporânea (Faculdade e Escola Angel Vianna). Atualmente é professora de Comunicação, no ciclo básico das faculdades de Publicidade e Propaganda, Escola de Negócios e Escola de Saúde, da faculdade IBMR (Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação).

## Introdução

A pesquisa de *rede da dança* é uma proposta de abordagem em rede, com base no conceito de rede de Bruno Latour<sup>2</sup>, sobre o fenômeno da dança contemporânea. Inicialmente a proposta era investigar a dança na “rede”, especificamente dança na internet, como uma reflexão sobre o impacto da tecnologia online na produção artística de dança. Mas se expandiu e se reposicionou em uma “rede de relações” que acontece nos diversos procedimentos em que a prática de dança se implica.

Encontros e intercâmbios entre artistas, linguagens ou instituições, plataformas online e a própria network (rede de contatos) são alguns dos procedimentos investigados na pesquisa que originou o artigo. Para o presente formato, optamos por apresentar apenas uma “imagem<sup>3</sup>”, a plataforma online Wikidança; as conexões que se revelam e dão corpo à rede e a discussão teórica que embasa o relato.

Ao perseguir uma nova abordagem para o objeto, devido a sua dimensão dinâmica e multisituada, partimos de uma proposta metodológica com o uso e cruzamento de diversas ferramentas como a revisão de literatura, pesquisa documental (relatórios, avaliações, entrevistas), pesquisa de conteúdos online, descrições do tipo etnográfica e observação participante.

Também por seu caráter múltiplo, observamos que a cartografia, tal qual pensada por Passos et al, é uma formulação metodológica adequada à investigação da rede da dança. Por observar processos de produção de subjetividade<sup>4</sup>, produção de conhecimento num tempo processual, a sistematização do método não implica regras ou protocolos rígidos, pois entende que ao acompanhar processos “não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos” (PASSOS et al, 2009, p. 13).

Como proposta de coleta e apresentação de dados, optamos por fazer um exercício de “descrição etnográfica”, com base na proposta da TAR, Teoria Ator-Rede, desenvolvida por Bruno Latour, entre outros. O que consiste dizer que na narrativa da “imagem” da Wikidança<sup>5</sup>, que serve como uma “entrada” para a rede que estamos perseguindo, tentamos observar quais são os dados que deixam vestígio (se evidenciam) nas relações entre os vários procedimentos que tramam a rede da dança contemporânea. Tentamos ainda planificar as forças de ação entre sujeito e objeto, entendendo que não há hierarquia entre estes e que, portanto, o objeto é também agente (ator-rede) na construção de uma abordagem em rede. (LATOURE, 2008)

2 O conceito de rede se baseia aqui na abordagem de redes heterogêneas descritas por Bruno Latour, Callon, Law, entre outros. As redes heterogêneas são formadas tanto por homem, quanto por objetos, animais, máquinas, ou o que quer que seja, de maneira simétrica, ou seja, não há hierarquia entre os diversos pressupostos que a compõem. (LAW, 1992)

3 Optamos por chamar de imagem, em vez de estudo de caso, por refletir menos o aprofundamento num caso específico e mais numa espécie de “entrada” (ou *plug*) nesta rede. É uma forma de valorizar mais processos (conexões) que resultados.

4 Conceito usado por autores como Gilles Deleuze e Felix Guattari (1980 - Mil Platôs) para tratar da construção social de modos de vida e de visões de mundo a partir da observação do entrelaçamento de instâncias diversas: midiáticas, sociais, econômicas, políticas, culturais, históricas etc.

5 O presente artigo é um recorte de uma pesquisa maior, dissertação defendida em mestrado em Comunicação Social (UERJ/2012), e apresentará apenas uma imagem, a Wikidança, e a discussão teórica que embasa a pesquisa e da corpo à rede.

Para *colaboração*, partimos de um entendimento a partir do senso comum: compartilhar, auxiliar, trocar conhecimento, técnica, experiência. A ideia de colaboração também está sendo construída a partir dos exemplos das práticas narradas e da discussão da *imagem* apresentada. E por fim, estamos pensando a colaboração como movimento, estratégia que articula, mobiliza, produz os fazeres que se dão em rede, em nosso caso, a dança.

## Uma dança para rede

Ao iniciar o trajeto de pesquisa, a inquietação que transpassava nossa curiosidade era referente a uma dança que se modifica da experiência presencial para experiência virtual, consequência do desenvolvimento das tecnologias digitais, com enfoque na internet. Partimos da hipótese inicial de que a dança se apresenta *online* de duas maneiras: 1- como criação, em que o resultado é uma obra artística, ainda que fora dos moldes tradicionais (corpo, coreografia, cena, palco); 2- como informação especializada, em blogs, plataformas, portais, canais, enciclopédia. As duas propostas preliminares tratam de diferentes perspectivas para tudo aquilo que está sendo produzido em dança *na* e *para* a internet.

Ao entrar em contato com a história da tecnologia como parte da composição em dança, é importante levar em conta que o que nomeamos arte (ou dança) tecnológica são as obras que se utilizam das chamadas “novas tecnologias”, as tecnologias digitais. No entanto, segundo Maíra Spanghero (2003), muito antes da chegada da cultura digital já havia intervenção técnica no fazer artístico: “o que se tem hoje são as novas tecnologias, as tecnologias digitais, que permitem outras construções de percepção, diferentes explorações para o movimento e novas organizações para o corpo no espaço-tempo” (SPANGHERO, 2003, p.28).

Ivani Santana, em seu livro “Dança e Cultura Digital” (2006), trata sobre o tema de dança e tecnologia a partir do entendimento de tecnologia como “mediação”<sup>6</sup>, em que esse formato artístico é a resultante de um processo de contaminação entre tecnologia e arte: “Os artistas se utilizaram da tecnologia vigente em cada época, portanto não há um privilégio atual para este tipo de relação. A diferença estará na condição da tecnologia existente e no tipo de relacionamento estabelecido com ela” (SANTANA, 2006, p.110).

Os primeiros vestígios dessa rede, portanto, se referem às produções artísticas que utilizam a tecnologia como intermediários em suas criações, artistas que compartilham seus processos na web através de blogs e redes sociais, tanto como ferramenta de comunicação quanto como espaço de produção de conhecimento. A partir

6 Nesse caso, a mediação aqui **não** é nos termos latournianos. Santana utiliza o conceito de mediação com base na ideia de *corpomídia*, desenvolvida principalmente por Christine Greiner e Helena Katz, que optei por manter, porque toda sua pesquisa se pauta nessa ideia. Nesse aspecto, “o corpo como sendo a mídia de si mesmo, isto é, não há corpo por onde atravessam outras informações porque todas as informações se tornam corpo.” (SANTANA, 2006, p.50)

de então, a rede ganhou outras proporções e a colaboração ganhou papel de destaque. O que ficou mais evidente para nós, ao observar a experiência da dança online, foram os processos compartilhados, as conexões entre artistas e outros agentes integrantes da produção de dança. Isto inclui a participação de técnicos, por exemplo, no desenvolvimento de uma certa plataforma online, ou software. Buscando “obras”, fomos encontrados por procedimentos que atravessam as obras e se revelam para fora delas, em muitas outras conexões que aqui estamos chamando de “relações”.

## Uma rede para dança

Ao pensar a rede da dança, partimos da premissa que tanto a colaboração quanto a rede sempre estiveram presentes nos processos de produção de dança, mas não eram visíveis. Com o “boom” causado pela cultura digital, os processos de organização em rede e a colaboração, que sempre existiram, se tornaram mais evidentes e passaram a ser pensados como uma *questão* no universo de produção artística contemporânea. A questão da rede, a partir dessa perspectiva, ultrapassa os limites do conceitos de *online* e *offline* e revela um momento social de nossa atualidade. Podemos encarar estes fenômenos de rede, tecnologia e colaboração, como mediadores, nos termos latournianos. Para Bruno Latour, o papel da mediação age como espaço de articulação de forças, que revela o presente, conjugando e valorizando tanto os aspectos humanos quanto não-humanos. Assim explica o autor:

Estas metamorfoses, no entanto, tornam-se explicáveis se redistribuirmos a essência por todos os seres que compõem esta história. Mas então eles deixam de ser simples intermediários mais ou menos fiéis. Tornam-se mediadores, ou seja, atores dotados da capacidade de traduzir aquilo que eles transportam, de redefini-lo, desdobrá-lo, e também de traí-lo. (LATOURE, 1994, p. 80)

Seguindo a pista de Latour, a rede inicial desenhada pela internet, um intermediário que transmite informação com ampla velocidade e alcance, desloca-se como proposta de uma “rede de relações”, que media as várias possibilidades que a dança contemporânea tem enquanto fazer artístico. Em nossa pesquisa, os conceitos de Bruno Latour e da Teoria Ator-Rede (TAR) servem como inspiração e base de pensamento para nossa abordagem de rede da dança. Para o olhar em rede que estamos propondo à dança, que não está restrito pela delimitação inicial de rede como internet, buscamos “ênfatisar os fluxos, os movimentos de agenciamento e as mudanças por eles provocadas, pois, como diz Latour, ‘não há informação, apenas transformação’, e essa é a principal característica de rede” (FREIRE, 2006, p. 56).

Poderíamos citar, de forma resumida, algumas das experiências colaborativas dispostas no universo da dança contemporânea: movimento.org, idanca.net, wiki-danca.net, ctrlaltdanca.com, como plataformas online; trabalhos artísticos como “Corpo Aberto” (2008), de Rodrigo Quick, que compartilha seu processo de criação

em um blog e se realiza via internet; coletivos como o *Sweet and Tender Collaborations*, que centralizam sua produção pela internet e atuam em diversos lugares do mundo; festivais como o Dança em Foco, o Festival Panorama, que formam redes de curadorias e apresentam trabalhos anuais; encontros e instituições como os da Red Sudamericana de Danza, o congresso da ANDA (Associação Nacional de Pesquisadores em Dança), o Rumos Itaú Cultural; programas como o Colaboratório, Pontos de Cultura, que incentivam a produção colaborativa e a conexão entre artistas, produtores e recursos; editais de fomentos como o extinto FADA/ RJ (fundo de apoio a dança 2011-2012) e o Prêmio Klauss Vianna.

Enfim, poderíamos listar cada uma dessas iniciativas e demonstrar como elas conectam pessoas, artistas, instituições, aparelhos culturais, técnicos, teatros, interface virtual, blogs, redes sociais, tecnologia, público. Sendo assim, parece ainda mais importante destrinchar as conexões que nelas se revelam para compreender, a partir delas, a forma como a produção de dança contemporânea se expressa hoje.

## A colaboração que emerge da rede

O desenvolvimento do acesso à internet, a evolução das plataformas online e da linguagem digital, possibilitou que as redes (que já existiam antes da internet) se tornassem mais evidentes. A internet potencializa e evidencia um processo de conexão, uma rede simbólica e real, que relaciona diversos atores dessa trama. Nossa aposta consiste que o desenvolvimento da internet, a potencialização das conexões em rede e sua maior visibilidade, impactaram na produção de dança contemporânea; o que fica cada vez mais evidente em práticas de produção e criação coletivas, em uma transversalidade do “fazer dança” e principalmente na ampliação do conceito de “colaboração” como uma estratégia de produção contemporânea.

Uma hipótese é que o entendimento de rede e de colaboração passou a ser mais fluído a partir da evolução do uso das chamadas novas tecnologias. Fernando do Nascimento Gonçalves, em artigo sobre tecnologia e cultura, aborda essa questão da seguinte forma:

O estado de ‘conexão’ dos elementos da cultura parece ser evidenciado pelo funcionamento de uma sociedade que cada vez mais se organiza de forma constelacional. Falamos hoje de redes sociais, convergências de mídia, sistemas financeiros globais com impactos locais, enfim, de fenômenos que apontam para o fato de que objetos, pessoas, ideias e ações não existem isoladamente. Contudo, esses fenômenos não inauguram essa ‘conectividade’, própria do social (assim como a tecnologia não constitui em princípio sua condição de possibilidade). Esses fenômenos não seriam senão um indício dessa ‘conectividade’. (GONÇALVES, 2009, p.102)

A colaboração como tecnologia também emerge das novas maneiras de fazer dança. A idéia de *emergência* desenvolvida no pensamento de Steven Johnson, ao

conceituar os sistemas complexos, diz respeito a um comportamento que se modifica de baixo pra cima, *bottom up*, a partir de padrões criados pelos próprios agentes integrantes do sistema. Sistemas que podem ser computacionais, biológicos ou sociais. Os padrões são referentes a modos de interação entre os agentes, ou se preferirmos, aos atores que compõem a rede. Segundo Johnson:

[...] os agentes que residem em uma escala começam a produzir comportamento que reside em uma escala acima deles: formigas criam colônias; cidadãos criam comunidades; um software simples de reconhecimento de padrões aprende como recomendar novos livros. O movimento das regras de nível baixo para a sofisticação do nível mais alto é que chamamos de emergência. (JOHNSON, 2001, p.14)

Em nossa abordagem da rede da dança, observamos que a produção criativa desta linguagem deixou de ser pautada de cima pra baixo, pela figura central do coreógrafo ou diretor, pelas instituições ou programas de fomento. Está, porém, articulada e se organizando de baixo pra cima, das relações que surgem e se distribuem a partir do artista, do fazedor de dança, e da própria obra que pede novas abordagens de si. Ainda utilizando Gonçalves,

O que parece estar em jogo aí não é a arte em sua presença imediata, mas o conjunto de relações que ela pode implicar. Nesse tipo de produção a obra não é apenas o que se vê, mas, se quisermos também, as ‘virtualidades’ que ela produz. Trata-se, portanto, de outra lógica de produção cultural que requer outras abordagens. (GONÇALVES, 2009, p.101)

A mudança observada nas práticas artísticas de dança se torna evidente pela emergência da colaboração como *propulsora* das relações que se constroem em rede. A colaboração é para nós uma pista do momento atual que a dança contemporânea participa, em que dançar está muito além da movimentação física dos bailarinos no palco. Novos critérios de criação e entendimento sobre “dança” passam a ser relevantes.

Johnson, no primeiro capítulo de seu livro, discute o conceito de emergência em que estamos nos baseando, através de um estudo sobre a cidade de Manchester, Inglaterra. Ele o faz para exemplificar como a organização urbana se dá através das próprias relações entre quem nela habita seus edifícios, suas ruas, e como nessa construção urbana aparentemente caótica existe uma ordem que se constitui das próprias relações e não de um líder ou governo. O autor afirma: “A cidade é complexa porque surpreende, sim, mas também porque tem uma personalidade coerente, uma personalidade que se auto-organiza a partir de milhões de decisões individuais, uma ordem global construída a partir de interações locais.” (JOHNSON, 2001, p.29)

Na prática artística de dança como prática social relacional e comunicativa, a colaboração evidenciada pelo compartilhamento de autoria, pela composição entre diferentes linguagens, pelo cruzamento entre diferentes disciplinas, o intercâmbio

e a manutenção de vínculos, pode ser entendida como decisões tomadas de acordo com as necessidades, vontades, ou ideias dos atores que compõem a *dança como rede*.

Podemos compreender a relevância do enfoque da pesquisa nas relações da rede da dança, pelo conceito de *simetria* que nos apresenta Latour. A antropologia simétrica reorganiza os fenômenos em rede, atribui peso igual à Natureza e à Cultura, ao objeto e ao sujeito, ao humano e ao não-humano. Na verdade, mais do que dar pesos iguais, a abordagem simétrica propõe *não* se dar pesos *diferentes* a priori a cada um deles, pois o peso depende sempre das relações que eles tecem entre si. Para o autor, as expressões de nossa contemporaneidade podem ser observadas a partir da idéia de que não há relação hierárquica entre as coisas, não se pode isolar conhecimento científico de conhecimento político, por exemplo. Tanto as coisas humanas, como as não-humanas, separadas entre sociedade e natureza na modernidade, existem de forma híbrida: natureza-cultura.

Logo na introdução de seu ensaio “Jamais fomos Modernos” (1994), Latour descreve a figura do Nó Górdio e do fio de Ariadne para ilustrar as ideias de purificação e rede, respectivamente. Assim,

Qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre a de reatar o nó Górdio atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício do poder, digamos a natureza e a cultura. Nós mesmos somos híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruídos sem que desejássemos; optamos por descrever as tramas onde quer que estas nos levem. Nosso meio de transporte é a noção de tradução ou de rede. Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas. (LATOUR, 1994, p.9)

O fio de Ariadne conecta todos os dados do problema, assim como a rede conecta os vestígios de um fenômeno; o Nó Górdio representa a conexão entre os fenômenos, que uma vez rompido, precisa ser reatado. São símbolos que o autor usa para tentar ilustrar seu pensamento. A rede é uma forma de compreender e “dar pátria aos híbridos” que, ao serem suprimidos, postos fora da área de visão, não cessaram de se proliferar. Os processos de tradução e de purificação sempre existiram, mas o que Latour nos convida a pensar é sobre os híbridos que, por não se enquadrarem em categorias sustentadas pela crítica, necessitam de outra abordagem.

Ou seja, a purificação não é possível, pois não há pureza, há contaminação em cadeia. Os fenômenos, portanto, não podem ser representados em pólos extremos, mas se conectam numa grande teia que vai do político, passando pelo científico, ecológico, econômico, cultural, etc. A crítica de Latour, e outros pensadores que com ele constroem um novo pensamento para as ciências sociais, é que o material científico não fala sozinho sobre os fenômenos que acontecem no social, que a trama social é composta por cultura, pessoas, animais, objetos, ideias, por materiais diversos, histórias, tradições, ficções. (LATOUR, 1994).

Ora, nosso estudo trata de um fazer artístico de dança que se evidencia por sua característica múltipla. Quando dizemos “múltiplo”, estamos tentando demonstrar que a dança não está apenas no que se entende por dançar, na lógica de conhecimento da dança pautada na linguagem do movimento, (que classifica diferentes manifestações artísticas em “gêneros de arte”, por exemplo), mas na construção de pensamento, documentação, criação, experimentação que se dão em rede, em relações que conectam os diversos atores que participam da rede que o dançar e o fazer dança implica.

A idéia de emergência aqui é também coerente com a idéia de rede proposta por Latour, pois conecta fenômenos (comportamentos) a princípio “renegados” de importância como fatores de transformação social. Ou seja, pensar a rede do ponto de vista de Latour (2008), implica em pensar agentes (ou actantes, como ele chama para diferenciar o termo de “ator social”, uma vez que não-humanos também são considerados “atores/ actantes”) que se revelam pela “crise”, pelos desvios de percurso, pelo que não está previsto. Da mesma forma, pensar em emergência, do ponto de vista de Johnson (2001), implica em pensar comportamentos que se dão em objetos, lugares, espaços e que modificam a forma como as pessoas se organizam.

## Uma imagem para colaboração como tecnologia

Retomando à hipótese que apresentamos na introdução deste artigo sobre como a dança se apresenta online, pretendemos apresentar neste subitem um relato sobre a Wikidança, que nos servirá como uma possível imagem para discussão apresentada nesta pesquisa. Partindo do princípio de que o fazer artístico de dança envolve diversas iniciativas, agentes, forças e contaminações, a apresentação do projeto Wikidança é uma imagem de um *fazer* possível de dança, que não se resume apenas ao “dançar”.

A Wikidança<sup>7</sup> surgiu em 2011 como uma iniciativa do portal online Idanca.net (que existe desde 2006), a partir da observação sobre a necessidade de um banco de dados com conteúdo especializado para pesquisadores de dança. A Wikidança é uma plataforma virtual nos mesmos moldes da Wikipedia, uma enciclopédia colaborativa, desenvolvida em software livre (mediawiki).

A plataforma *mediawiki* é aberta para edição e compartilhamento de conteúdo. A publicação de verbetes acontece através de usuários cadastrados na plataforma, que podem também corrigir ou acrescentar informação às publicações já existentes. Basta criar uma conta, sem ônus, para editar ou complementar um artigo. Assim, o que é publicado na wiki pode sempre ser revisitado, reeditado, complementado.

<sup>7</sup> As informações específicas sobre o projeto Wikidança foram retiradas do website e de documentos internos. Foram utilizados como fontes: projetos descritivos, relatórios de execução, entrevistas informais com equipe.

Em sua primeira fase, a Wikidança fez uma parceria com cursos de graduação de dança do Brasil, em que foram selecionados doze estudantes para participarem como bolsistas do projeto por um período de seis meses, em dois ciclos diferentes, o primeiro e segundo semestre de 2011, respectivamente. Os estudantes foram contratados como estagiários bolsistas para criar os verbetes iniciais. Um dos argumentos da plataforma é ser um espaço de publicação acadêmica para estudantes universitários e pesquisadores da área. Uma alternativa aos meios tradicionais de publicação e apresentação de trabalhos acadêmicos para um público de universitários de dança.

Atualmente, qualquer pessoa pode criar uma conta como usuário e começar a produzir verbetes. O que dificulta o controle da entrada de *spam*, por exemplo. Na página de “usuários” há diversos nomes cheios de consoantes, característica de usuários *robôs*, (que não vamos nos aprofundar em definições pois esse não é o foco de nossa pesquisa), que precisam ser recorrentemente eliminados da plataforma para não gerarem problemas de configuração.

Uma questão observada na aproximação com a imagem da Wikidança, que se relaciona com o objeto desta pesquisa, a rede da dança, foi o caráter de fragmentação de nossa atualidade, discutida do ponto de vista da cultura digital, por Lev Manovich. A colaboração acontece aqui como conceito intrínseco na construção de uma cultura que é produzida também em bits. O texto de Manovich (2005) sobre remix (remixability) discute, entre outras coisas, a informação na cultura digital. Tanto na cibercultura, como na cultura contemporânea como um todo, a informação que agora é computada em bits, chega a proporções cada vez menores - o que transforma a maneira como essa mesma informação é produzida, armazenada e distribuída. Segundo Manovich:

These paths (new paths which facilitate movement of information between people) stimulate people to draw information from all kinds of sources into their own space, remix and make it available to others, as well as to collaborate or at least play on a common information platform (Wikipedia, Flickr). Barb Dybwad introduces a new term ‘collaborative remixability’ to talk about this process: [...] ‘a transformative process in which the information and media we’ve organized and shared can be recombined and built on to create new forms, concepts, ideas, mashups and services’.<sup>8</sup> (MANOVICH, 2005, p.1)<sup>9</sup>

No mesmo texto, Manovich comenta que a cultura do remix, em que toda informação pode ser reduzida, fragmentada e recombinação, ainda não foi incorporada pela sociedade como um todo. Questões como autoria ainda estão sendo debatidas e reconstruídas na cultura contemporânea para dar conta de uma nova mobilidade e velocidade constituída pela era digital.

8 Tradução nossa: “Esses caminhos (novos caminhos que facilitam movimento de informação entre as pessoas) estimulam as pessoas a compor informação proveniente de todo tipo de fonte para dentro de seu próprio espaço, remixar e fazê-la disponível a outros, bem como a colaborar ou pelo menos acionar uma plataforma de informação comum (Wikipedia, Flickr). Barb Dybwad introduz um bom termo ‘remixabilidade colaborativa’ para falar sobre esse processo: [...] ‘um processo de transformação em qual a informação e a mídia que nós organizamos e compartilhamos pode ser recombinação e construída para criar novas formas, conceitos, ideias, *mashups* e serviços’.”

9 Disponível em: [http://manovich.net/content/04-projects/046-remixability-and-modularity/43\\_article\\_2005.pdf](http://manovich.net/content/04-projects/046-remixability-and-modularity/43_article_2005.pdf)

Manovich pondera, ainda, a questão da herança cultural, afirmando que a cultura sempre foi modular. Nós estamos sempre reutilizando e remixando informações culturais anteriores (diretamente anteriores na história, ou mesmo num passado remoto, como antiguidade ou renascimento), que ele denomina como objetos culturais (*cultural objects*) (MANOVICH, 2005). A diferença é que agora esses objetos são reduzidos a formatos digitais, portanto são fragmentos que se unem com outros fragmentos e criam uma nova informação, num ciclo contínuo e ilimitado. Nesse aspecto, não faz mais sentido que os objetos culturais (fragmentos, módulos, informações) sejam “fechados”, isolados, o que os tornariam restritos.

A idéia defendida por Manovich sobre fragmentação nos leva a pensar na questão da não-linearidade histórica da arte proposta por Arthur Danto, em “Depois do fim da arte” (2003), em que este pensador defende que a arte contemporânea é uma “collage”, fruto de diversas contaminações. Neste aspecto, a rede da dança atravessa outras práticas como a produção de textos, organização de acervos, discussão de conceitos, informação especializada, encontros, debates, fóruns. Pode ser vista no palco, na internet e na comunidade artística.

Uma das diretrizes firmadas para produção de textos foi a de uso de referências, tanto bibliográficas (nos mesmos moldes de projetos acadêmicos) quanto as “externas” (outros sites que se *linkam* ao texto), numa narrativa em hipertexto, própria dos meios digitais online. Ao citar as fontes, as referências bibliográficas, o pesquisador registra em seu texto os caminhos por onde passou, e, ainda, que outras pessoas já falaram sobre o mesmo assunto, ou similar. Um dos objetivos do acervo digital é ser legitimado pela classe artística de dança como fonte confiável de pesquisa. Por isso também a opção em se fazer parceria com instituições de ensino, intermediado por um professor-orientador para cada estudante bolsista, como forma de garantir uma qualidade de informação.

A questão da legitimidade é uma das evidências de processo de produção e execução da plataforma. O projeto teve uma importante parceria negada, UFBA, Universidade Federal da Bahia, - uma das mais antigas e mais importantes graduações de dança do Brasil -, sob a alegação que a produção de estudantes universitários para uma enciclopédia, sem a supervisão e aprovação de uma banca qualificada, não poderia ser considerada produção acadêmica, portanto não interessava à coordenação do curso o compromisso com essa produção.

Acreditamos que o conflito entre “compartilhamento” e “legitimidade” faz da plataforma Wikidança um projeto paradoxal.

Instigados por essa observação, buscamos no conceito de redes sem escala, descrito por Barabási e Bonabeau, um argumento que é pertinente com a produção online, que trata de rede como sistema (diferente de nossa abordagem de rede de relações)<sup>10</sup>, mas que nos serviu pra pensar sobre o conflito entre legitimidade e

10 A “rede” que estamos perseguindo se baseia em Bruno Latour (2008), em que ganha um sentido de “mediações entre forças”, de conjuntos de elementos que uma vez conectados, vão afetar-se reciprocamente e organizar objetos, práticas, discursos, visões de mundo e modos de vida.

compartilhamento.<sup>11</sup> As redes denominadas “sem escala” foram identificadas pelos autores que pesquisam sobre sistemas complexos e topologia de redes:

As redes estão em toda parte. O cérebro é uma rede de células nervosas conectadas por axônios e as próprias células são redes de moléculas ligadas por reações bioquímicas. As sociedades também são redes, constituídas por pessoas unidas por amizades, laços familiares e profissionais. Em uma escala mais ampla, redes alimentares e ecossistemas podem ser representados como redes de espécies. E redes permeiam a tecnologia: a Internet, as redes de energia elétrica e os sistemas de transporte são apenas alguns exemplos. A própria linguagem que usamos para transmitir essas idéias é uma rede, formada por palavras conectadas por padrões sintáticos. (BARABÁSI; BONEBEAU, 2003, p. 64)

O desenvolvimento do conceito de redes sem escala surgiu a partir de um interesse por parte dos autores em tentar compreender como aconteciam as conexões entre as diversas páginas na internet. O resultado da pesquisa identificou um fenômeno diferente do que imaginavam da rede virtual, em vez de um desenho de uma rede democrática (aleatória), em que os pontos teriam um número mais ou menos homogêneo de conexões, foi demonstrado uma relação bastante irregular, onde poucos nós concentravam a maior parte das conexões, enquanto uma maioria tinha um número ínfimo de conexões. (BARABÁSI; BONEBEAU, 2003)

Se como exposto pelos autores, a ideia de democratização na internet é “infundada”, o que temos de fato são poucos pontos conectados a milhares de outros (*hubs*), enquanto milhares de pontos estão conectados a apenas meia dúzia de outros. O que explica a pesquisa sobre redes sem escalas é que o usuário da internet tende a se conectar com sites já conhecidos, que possuem uma visibilidade, que foram indicados. A isso eles chamam de *vinculação preferencial*. Explicam os autores:

Esses dois mecanismos - *crescimento e vinculação preferencial* - ajudam a explicar a existência dos pólos de convergência e irradiação: eles surgem quando os novos nós tendem a ligar-se aos sites mais conectados, e assim, com o passar do tempo, esses locais populares adquirem mais links que seus vizinhos menos conectados. E esse processo em que ‘os ricos ficam mais ricos’ geralmente favorece os nós mais antigos, que têm maior probabilidade de se tornarem pólos de convergência e irradiação. (BARABÁSI; BONEBEAU, 2003, p. 69)

O usuário de internet tende a buscar referências já legitimadas, endereços que se tornaram de confiança não necessariamente por uma questão de qualidade, mas porque mais gente o acessa, ou porque já existem a mais tempo. Diferentemente da produção tradicional acadêmica, em que há critérios rígidos de avaliação e controle, que mantém a produção de pesquisa sempre dependente de instituições e nomes já reconhecidos, a internet abre uma janela de possibilidades para uma construção não legitimada de conhecimento.

<sup>11</sup> A questão da legitimação aqui se dá mais por um direcionamento interpretativo das possibilidades que a identificação de redes sem escalas nos traz, apesar de ser um estudo de topologia de redes, com objetivos muito diversos dos dessa pesquisa.

Em nossa imagem, a Wikidança seria essa janela, em que a legitimação se dá também pela “vinculação preferencial”. Acreditamos que quanto mais pessoas buscarem a plataforma como fonte de conhecimento, mais credibilidade ela terá, podendo então ser legitimada pelos mesmos critérios citados acima. Nossa hipótese aqui é que a **colaboração** mobiliza a legitimação de conteúdos online: para legitimar a Wikidança é necessário que ela seja apropriada por pesquisadores, bailarinos, coreógrafos, professores, estudantes, críticos e etc. Através da apropriação, os usuários da plataforma poderão interferir no “controle” das informações publicadas. Uma informação errada não só pode como *deve* ser corrigida, se o objetivo é que essa fonte de consulta seja segura.

O que a imagem da Wikidança nos auxilia a ver é que o “dançar” implica mais que vocabulários, gramáticas, conceitos, objetos e corpos, implica também políticas, instituições, projetos, formas de visibilidade e mecanismos de produção de conhecimento sobre a própria dança, que em última análise é uma forma de construir discursivamente uma imagem sobre si mesma.

A Wikidança é a imagem de como o que nos interessa não é a tecnologia em si, mas a colaboração propiciada por tecnologia, saberes, discursos e experiências diversas. A imagem da Wikidança é uma pista de como a relação entre dança e tecnologia é mais abrangente que o uso da tecnologia na dança e de dança na internet. Tecnologia aqui pode ser lida no próprio processo de colaboração. Talvez porque o modo como se pensa arte e dança hoje evidencia as diversas matérias que formam esses fazeres como saberes que são construídos, eles próprios, em redes diversas: redes de produção, redes tecnológicas e de pessoas, redes entre saberes e práticas acadêmicas, artísticas e institucionais.

## Considerações Finais

A colaboração se apresenta como tecnologia que mobiliza, articula e emerge na construção da rede da dança, que conecta os diversos atores, humanos e não humanos, que existe antes e durante a tecnologia *online*. Ultrapassa os limites de espaço e tempo da própria internet, ampliando-se por redes de relações que antes já existiam, mas que a tecnologia potencializa e evidencia. As relações em rede, observadas na imagem apresentada, são parte do argumento de que a prática artística na dança contemporânea passa por uma releitura de si própria, e que falar de dança em rede é falar mais sobre a rede que a dança é, que de dança em si.

Do ponto de vista da rede da dança que discutimos, com base na idéia de “rede” de Latour, não há separação entre os fenômenos de tecnologia, de *on* e *offline*. Mais do que criação a dança é relação, por isso mesmo uma REDE. Deste ponto de vista, talvez possamos chamar a colaboração de “tecnologia”, que torna possível que a rede da

dança seja mobilizada e alterada, que desloca o entendimento de dança e apresenta outras possibilidades de pensar e abordar os processos contemporâneos de criação na dança, que atravessam muitas outras práticas além da composição coreográfica.

## Referências Bibliográficas

BARABASI, Albert László; BONABEAU, Eric. Redes sem escalas. **Scientific American. Brasil**, Junho de 2003. Pg. 64-72.

DANTO, Arthur C. **Después del fin del arte**: el arte contemporáneo y el linde de la historia. Buenos Aires: Paidós, 2003.

FREIRE, Letícia de Luna. **Seguindo Bruno Latour**: notas para uma antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Comum, 2006. v.11, n. 26 p. 46-65.

GONÇALVES, Fernando. Tecnologia e cultura: usos artísticos da tecnologia como prática de comunicação e laboratório de experimentação social. **Revista FAMECOS, PUC-RS**, v.1, p.100-110, 2009.

JONHSON, Steven. **Emergência**: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LAW, John. **Notes on the Theory of the Actor Network**: Ordering, Strategy and Heterogeneity. In: Centre for Science Studies. Lancaster University, Reino Unido. 1992. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Notes-on-ANT.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **Reensamblar lo Social**: una introducción a la teoría del actor-red. 1. ed. Buenos Aires: Manantial, 2008.

MANOVICH, Lev. **Remixability and Modularity**. <[http://manovich.net/content/04-projects/046-remixability-and-modularity/43\\_article\\_2005.pdf](http://manovich.net/content/04-projects/046-remixability-and-modularity/43_article_2005.pdf)> Acesso em: 25 jun. 2015.

OLIVEIRA, Paula Gorini. **A Rede da Dança: uma cartografia em movimento**. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação – Tecnologia de Comunicação e Cultura) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCOSSIA, Liliana (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTANA, Ivani. **Dança na Cultura Digital**. Salvador: EDUFBA, 2006.

SPANGHERO, Maíra. **A dança dos encéfalos acesos**. Apresentação: KATZ, Katz. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

WIKIDANÇA. Enciclopédia online especializada em dança. <<http://www.wikidanca.net/>>, Acesso em: 26 jun 2015.